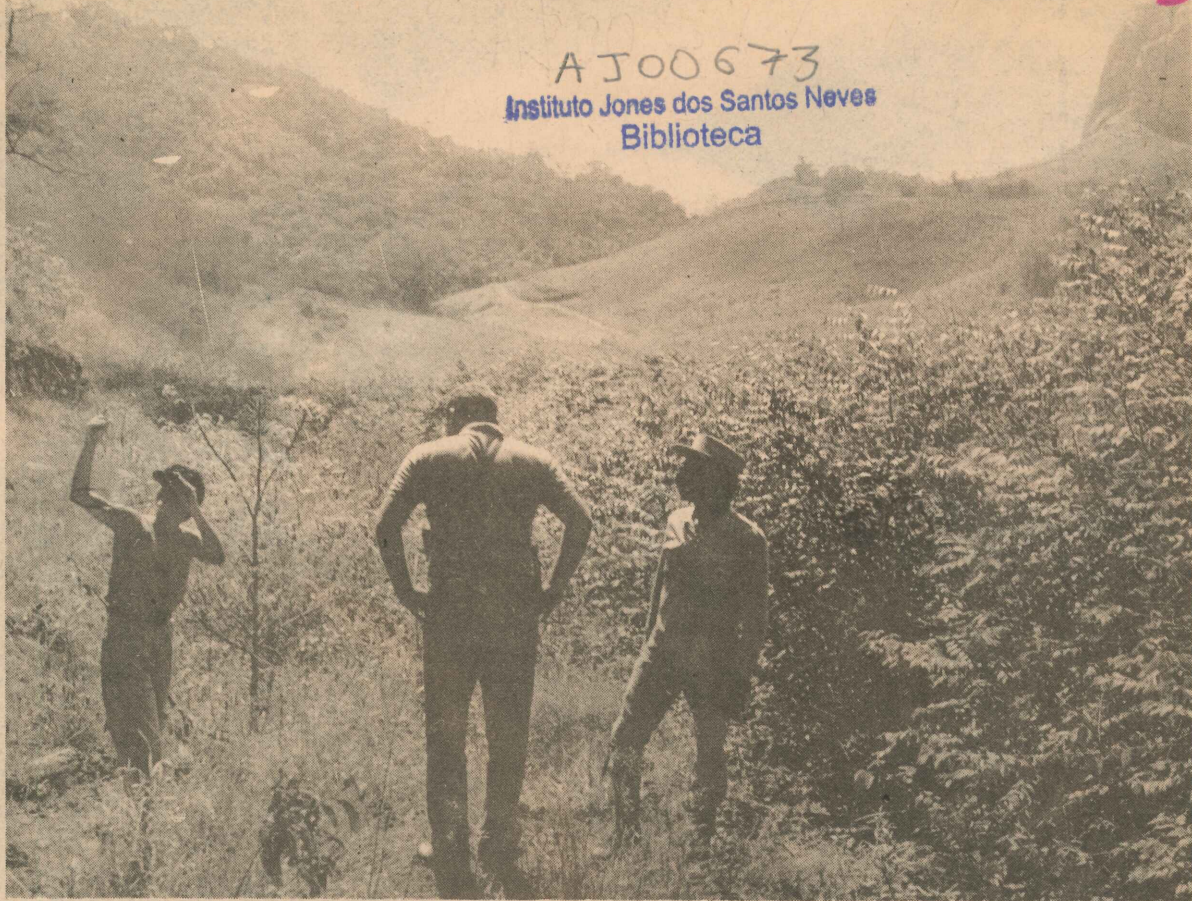


AJ00673
 Instituto Jones dos Santos Neves
 Biblioteca



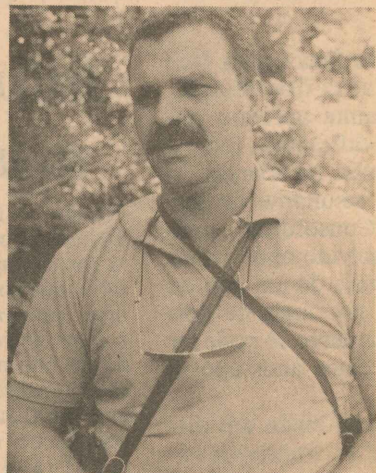
Os técnicos percorreram os 12 mil metros quadrados da Mata de Fradinhos, que foi destruída em 85

Meio Ambiente vistoria e confirma destruição de mata

Solo seco, desbarrancado e desprovido da camada de húmus que mantém sua fertilidade; pedras dinamitadas ou desenterradas; fontes secas ou represadas e antigas árvores tombadas para lenha. Este o quadro encontrado ontem por técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e da Floresta Rio Doce nos 12 mil metros quadrados da mata de Fradinhos, destruídos em 1985 pelo ex-prefeito José Moraes, que ali pretendia construir uma estrada. Através de convênio entre a Prefeitura de Vitória e a Vale do Rio Doce, a partir desta semana a área vai ser recuperada e reflores-



Ivani: dificultar o acesso



Ricardo: plantio em vinte dias

tada com o plantio de 50 mil mudas de cedro, jacarandá, peroba, louro e ipê.

Durante duas horas os técnicos da PMV e da Floresta Vale percorreram todo o trecho desmatado e ficaram perplexos com a erosão provocada pelo início das obras no local. Constataram que seria impossível reflorestar a área sem um trabalho anterior de recuperação do solo, coleta de material inerte e intensa adubação. Decidiram também plantar, juntamente com as mudas de árvores nativas, diversas espécies de leguminosas, para garantir a umidade e cobertura do solo, necessárias para que as outras plantas cresçam.

Por todo o trajeto os técnicos também observaram lascas de pedras dinamitadas e grandes rochas soltas, que podem rolar com a ação de uma chuva mais forte. Observaram também duas nascentes secas devido à abertura da estrada. "Tudo isto influi no equilíbrio ecológico desta última parte da Mata Atlântica que possuímos na ilha de Vitória", disse a bióloga Ivani Zecchinelli.

Mandado

A reposição da parte depredada da mata de Fradinhos foi determinada pelo juiz Joseph Haddad Sobrinho, da Vara dos Feitos da Fazenda Municipal, que julgou a ação cível popular, impetrada pela Associação de Defesa da Mata Atlântica, assim que a obra foi iniciada. Caso não realizasse o reflorestamento da área num prazo de seis meses, a partir de junho último, a prefeitura teria que pagar uma multa diária de 50 OTNs. Sem recursos para iniciar a tarefa, a prefeitura resolveu recorrer à Vale do Rio Doce, que já recuperou, neste ano, os morros do Romão, a Gruta da Onça, do Macaco, do Cruzamento, do Constantino e o aterro da ponte seca próximo à rodoviária.

Toda a recuperação da mata de Fradinhos vai custar à Vale entre Cz\$ 1,5 e Cz\$ 2 milhões, conforme estimou o técnico Ricardo Moraes de Jesus, que participou da vistoria. Com uma turma de 15 operários, ele pretende preparar a terra e fazer o plantio em 20 dias e vai começar o serviço assim que a prefeitura liberar um caminhão para o transporte dos trabalhadores e do material. Segundo a bióloga da PMV, Fadia Kalil, a Secretaria de Meio Ambiente pretende abrir a Semana Florestal, que vai começar no dia 21 de setembro, com a "inauguração" da área plantada.



Os técnicos constataram a destruição de jacarandás com mais de 10 anos

Apesar de criado durante o governo Camata, o Parque da Fonte Grande até hoje não foi regulamentado, já que ele se situa no interior de duas grandes propriedades particulares, que ainda não foram desapropriadas. O projeto da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, juntamente com outros órgãos responsáveis pela defesa das reservas naturais do Estado, era transformar o parque num local de lazer não-predatório, promovendo excursões de estudantes e outras pessoas para conhecer o último trecho da Mata Atlântica de Vitória. Este objetivo, entretanto, está previsto para ser cumprido a longo prazo, como explicou a bióloga da secretaria, Ivani Zecchinelli: "Agora, enquanto a recuperação da mata está sendo feita, é essencial dificultar a entrada de pessoas, para que não aconteça nenhum outro dano".

Ela disse que é necessário também dotar o parque de estrutura de vigilância. Hoje, ele é fiscalizado apenas por um guarda, Paulo Roberto dos Anjos, que não tem trabalhado com condições de transporte e comunicação suficientes para realizar apreensões de armas e impedir desmatamentos. Em dois anos de atividade como guarda florestal, Paulo dos Anjos só conseguiu apreender uma espingarda, embora saiba que a caça ali seja constante, principalmente nos finais de semana, quando a área fica praticamente abandonada.

Tatus, cotias, coelhos, lagar-

tos e até tamanduás têm sido constantemente capturados na região, principalmente depois que a abertura da estrada facilitou o acesso dos caçadores. Os desmatamentos no parque também têm sido frequentes e a equipe de técnicos pode constatar o tombamento de alguns pés de jacarandás mais de 10 anos de idade com os troncos talhados para lenha.

Plantas invasoras

Os dois quilômetros de comprimento por seis de largura da estrada abandonada mostram também várias espécies de plantas invasoras, como a Gurindiba, que serve para lenha ou estaca de barracos, mas impedem outras de crescer. Encontraram também vários pés de cipós, plantas também oportunistas, que tomam conta dos espaços vazios e sobrevivem às custas da seiva de outras. Descobriram, nos troncos abandonados da estrada, vários tipos de cogumelos venenosos, ninhos de insetos e teias de aranhas.

Uma descoberta agradável foi a quantidade de plantas medicinais existente na mata, como arnica, cinco folhas, manjeriço, anjico, figueira, guiné, ao lado de árvores seculares como paud'algo e jaqueiras. No final da mata, depois de uma plantação de bananeiras, num amplo pasto, os técnicos encontraram a única fonte remanescente naquele lado do morro represada para servir como bebedouro do gado criado na fazenda de Máximo Varejão.